

1

Barney Mayerson acordou com a cabeça a doer-lhe de uma forma invulgar. Encontrava-se num quarto desconhecido de um apartamento desconhecido. A seu lado, com os cobertores descobrindo-lhe os ombros nus e macios, dormia uma rapariga desconhecida, respirando suavemente pela boca, o cabelo branco como algodão espalhado sobre a almofada.

«Vou chegar tarde ao emprego», disse para si. Levantou-se e procurou manter-se de pé, com os olhos fechados para combater o enjoo. Tanto quanto sabia, encontrava-se a várias horas de viagem do escritório; talvez nem sequer estivesse nos Estados Unidos. Estava, contudo, na Terra; a gravidade que o fazia oscilar era normal e conhecida.

E, no quarto contíguo, perto do sofá, havia uma pasta familiar, a do seu psiquiatra, Dr. Smile.

Descalço, cambaleou até à sala de estar e sentou-se junto da pasta; abriu-a, acionou o interruptor e pôs-se em contacto com o Dr. Smile. Agitaram-se ponteiros e o mecanismo produziu o som habitual de funcionamento.

— Onde estou? — perguntou Barney. — E a que distância de Nova Iorque?

Era esta a questão principal. Viu, então, no relógio da cozinha que eram 7.30. Não tão tarde como pensara, afinal.

O mecanismo que era a extensão portátil do Dr. Smile, ligado por microtransmissor ao próprio computador na cave do edifício onde Barney tinha o seu apartamento em Nova Iorque, o Renown 33, respondeu-lhe baixinho:

— Ah, Mr. Bayerson...

— Mayerson — corrigiu Barney, passando os dedos trémulos pelo cabelo. — Que sabe da última noite? — Via agora com uma intensa aversão física garrafas meio cheias de *bourbon* e de água com gás, limões, aperitivos e recipientes com gelo no balcão da cozinha.

— Quem é a rapariga?

— A rapariga que está a dormir é Miss Rondinella Fugate — respondeu o Dr. Smile. — Roni, como ela gostará que você lhe chame.

A conversa soava-lhe vagamente familiar e, por estranho que parecesse, de certo modo relacionada com o seu trabalho.

— Ouça... — disse para a pasta.

Porém, nesse momento, ouviu a rapariga a acordar, no quarto; desligou imediatamente o emissor e endireitou-se, sentindo-se despedido e desorientado, em cuecas.

— Já está a pé? — perguntou a rapariga, sonolenta. Afastou os lençóis, levantou-se e foi sentar-se diante dele. Muito bonita, sem dúvida, com olhos grandes, maravilhosos. — Que horas são? Já pôs o café ao lume?

Barney entrou na cozinha, cambaleando, e acendeu o fogão para aquecer água. Entretanto, ouviu uma porta bater; ela tinha entrado na casa de banho. Água a correr. Roni tomava um duche.

De novo na sala de estar, ligou outra vez para o Dr. Smile.

— Que tem ela a ver com as Miniaturas P. P.? — perguntou.

— Miss Fugate é a sua nova assistente. Chegou ontem da República Popular da China, onde trabalhou para as Miniaturas P. P. como consultora precognitiva de modas para a região. No entanto, Miss Fugate, embora talentosa, é muito inexperiente, e Mr. Bulero decidiu que um período como sua assistente — digamos, «debaixo das suas ordens»... Uma expressão que pode ser mal interpretada porque...

— Ótimo! — respondeu Barney.

Voltou ao quarto e procurou as roupas; estavam no chão, sem dúvida postas lá por ele. Começou a vestir-se com cuidado; continuava a sentir-se muito mal e custava-lhe muito não ceder ao enjoo.

— Sim, senhor — disse ao Dr. Smile quando voltou à sala de estar, abotoando a camisa. — Lembro-me do memorando de sexta-feira, acerca de Miss Fugate. Ela é muito irregular. Enganou-se com

aquele quadro da Guerra Civil Americana... Imagine que se convenceu de que seria um êxito na República Popular da China!

Soltou uma gargalhada. A porta do quarto de banho entreabriu-se; pôde ver de relance o corpo róseo, fofo e enxuto de Roni, que se limpava.

— Chamou-me, querido?

— Não. Estava a conversar com o meu médico.

— Toda a gente comete erros — disse o Dr. Smile, um tanto aéreo.

— Mas como é que ela e eu... — começou Barney, apontando para o quarto. — Tivemos tão pouco tempo...

— Química — respondeu o Dr. Smile.

— Não percebo...

— Vocês têm ambos qualidades precognitivas. Você previu que se daria bem com ela, que acabaria por se envolver eroticamente com a pequena. Por isso, decidiram ambos, após umas bebidas, que não valia a pena esperarem... «A vida é curta, a arte...» — A pasta calou-se porque Roni Fugate saíra da casa de banho, nua. Barney voltou uma vez mais ao quarto. Roni tinha um corpo esbelto e vibrante, uma plástica verdadeiramente soberba, seios pequenos, firmes, com mamilos do tamanho de ervilhas rosadas — ou melhor, de ervilhas cor de pérola.

— Ontem à noite, queria perguntar-lhe — disse Roni Fugate — por que motivo consulta um psiquiatra... E ainda por cima um psiquiatra que o acompanha por toda a parte. Meu Deus, nunca o larga! Esteve em contacto com ele até que...

Franziu o sobrolho e olhou-o curiosa.

— Pelo menos, nessa altura desliguei — lembrou Barney.

— Acha-me bonita?

Endireitou-se e esticou os braços ao lado da cabeça e, para espanto de Barney, começou a fazer uma série rápida de exercícios, saltitando, os seios trémulos.

— Claro que acho — murmurou Barney, surpreendido.

— Pesaria uma tonelada — disse Roni Fugate, ofegante — se não fizesse estes exercícios militares todas as manhãs. Vá ver o café, vai, querido?

— Você é mesmo a minha nova assistente nas Miniaturas P. P.?

— Sou, claro. Quer dizer que não se lembra? Pois... Você deve ter qualidades precognitivas de tal ordem, deve ver tão bem o futuro, que o passado, para si, não deve ser mais do que uma recordação nebulosa. Do que se lembra exatamente de ontem à noite?

Interrompeu os exercícios para respirar.

— Creio que de tudo — respondeu Barney, vagamente.

— Ouça... O único motivo para você trazer consigo um psiquiatra é a convocatória para o serviço militar. Recebeu-a, não é verdade?

Barney acenou afirmativamente, momentos decorridos. *Disso* lembrou-se. O familiar sobrescrito azul-esverdeado, comprido, que chegara havia uma semana; na quarta-feira seguinte, iria fazer o seu exame mental no Hospital Militar das Nações Unidas, em Bronx.

— Deu resultado? — perguntou ela, apontando para a pasta.

— Está suficientemente doente?

Voltando-se para a extensão portátil do Dr. Smile, Barney perguntou:

— Que lhe parece?

— Infelizmente, está ainda em muito boa forma, Mr. Mayerson — respondeu a pasta. — Pode suportar dez *freuds* de *stress*. Lamento... Mas ainda temos alguns dias; mal começámos...

No quarto, Roni Fugate pegou na roupa interior e começou a vestir-se.

— Já pensou — disse, refletindo — que se for alistado, Mr. Mayerson, e mandado para as colónias... talvez eu fique com o seu emprego?

Sorria, mostrando uns dentes soberbos.

Era uma hipótese desinteressante. E a sua capacidade precognitiva não o ajudava: o resultado mantinha-se na zona neutra, entre o sim e o não, tudo dependendo das futuras relações de causa e efeito.

— Não pode encarregar-se do meu trabalho — respondeu-lhe.

— Não foi capaz de o fazer na República Popular da China, onde a situação é relativamente simples, em termos de colocação de pré-elementos.

Um dia, porém, seria capaz; previa isso sem dificuldade. Era jovem e transbordava de talento inato: apenas precisava para o igualar — e ele era o melhor no negócio — de uns anos de experiência.

Barney começava então a despertar completamente, à medida que a consciência da sua situação se lhe impunha. Tinha muitas possibilidades de ser alistado e, mesmo que não fosse, Roni Fugate poderia muito bem roubar-lhe o seu esplêndido emprego, o emprego ao qual acedera passo a passo, ao longo de um período de mais de treze anos.

Uma solução peculiar para tão sombria perspectiva, aquela de ter ido para a cama com Roni; perguntou a si próprio como tudo acontecera.

Debruçado sobre a pasta, disse em voz baixa ao Dr. Smile:

— Gostava que me explicasse por que diabo numa situação tão complicada eu decidi...

— Eu explico — disse Roni Fugate. do quarto. Tinha vestido uma camisola verde-pálido, justa, e apertava-a ao espelho do toucador.

— Você disse-me ontem à noite, depois do quinto *bourbon* com água. Disse-me que... — Interrompeu-se, de olhos brilhantes. — Não, é indelicado.... Você disse: «Se não pudeses vencer o teu inimigo, junta-te a ele.» Só que o verbo que usou, lamento dizê-lo, não foi «juntar»...

— Hum... — fez Barney, entrando na cozinha para se servir de café.

De qualquer modo, não estava longe de Nova Iorque; era evidente que se Miss Fugate era empregada nas Miniaturas P. P. ele encontrava-se a uma pequena distância do emprego. Podiam ir para lá juntos. Encantador! Perguntou a si próprio se o patrão, Leo Bulero, aprovaria aquilo, se soubesse do que se passara. Existiria alguma norma na empresa sobre empregados que dormissem juntos? Havia normas para quase tudo... embora não percebesse como era possível a um homem que passava todo o seu tempo nas praias do Antártico ou nas clínicas alemãs de Terapia E, arranjar disponibilidade para conceber dogmas sobre todas as coisas.

«Um dia», disse para si mesmo, «viverei como Leo Bulero; em vez de ficar fechado em Nova Iorque com uma temperatura de 70 graus...»

Ouviu atrás de si um soluço; o piso estremeceu. O sistema de arrefecimento do edifício começara a funcionar. O dia tinha principiado.

Visto da janela da cozinha, o sol hostil e quente tomava forma por detrás dos outros edifícios de apartamentos que podia ver; fechou os